

# QUANTOS MUSEUS HÁ NUM MUSEU? ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO MUSEU DO CEARÁ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS NO BRASIL.

Cristina Rodrigues Holanda<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse relato de experiência é fruto da atuação da autora como pesquisadora e depois como gestora do Museu do Ceará. Tem por objetivo analisar a trajetória do acervo da referida instituição (1932-2017), situada em Fortaleza, quanto ao tratamento dado historicamente a esse acervo – ainda pouco conhecido apesar de sua relevância para o patrimônio cultural nacional – no que se refere aos procedimentos de salvaguarda, pesquisa e divulgação, que nos fornecem indícios sobre os (des)caminhos de outros acervos museológicos, especialmente os que estão na “periferia” do país, mesmo quando vinculados a importantes centros produtores do saber. Essa análise considera a passagem do Museu por três grandes mantenedores: o Arquivo Público, vinculado a Secretaria dos Negócios do Interior e da Justiça; o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará; e a Secretaria da Cultura do Estado.

**Palavras-chave:** História institucional. Acervo museológico. Salvaguarda. Pesquisa e divulgação.

## **HOW MANY MUSEUMS ARE IN A MUSEUM? ANALYSIS OF THE TRAJECTORY OF THE CEARÁ MUSEUM AND ITS CONTRIBUTION TO THE HISTORY OF THE MUSEOLOGICAL COLLECTIONS IN BRAZIL.**

**Abstract:** *This experience report is the result of the author's work as a researcher and later as manager of the Museum of Ceará. The objective of this study is to analyze the trajectory of this institution (1932-2017), located in Fortaleza, regarding the historical treatment of this collection - still little known despite its relevance to the national cultural heritage - regarding the procedures of safeguard, research and dissemination, which provide us with indications of the (dis) ways of other museological collections, especially those that are in the "periphery" of the country, even when linked to important centers producing knowledge. This analysis considers the passage of the Museum by three main supporters: the Public Archive, linked to the Department of Interior and Justice Affairs; the Historical, Geographical and Anthropological Institute of Ceará; and the State Secretariat of Culture.*

**Keywords:** *Institutional history. Museum collection. Safeguard. Research and dissemination.*

---

<sup>1</sup> Licenciada em História e Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Presidente da Fundação Memorial Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – CE, desde fevereiro de 2017. Foi técnica (2002-2006) e Diretora do Museu do Ceará e do Sistema Estadual de Museus (2008-2013). Atuou como consultora do Programa Pontos de Memória do Ibram (2013-2017). Contatos: crisrhola@gmail.com.

# QUANTOS MUSEUS HÁ NUM MUSEU? ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO MUSEU DO CEARÁ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS NO BRASIL.

## Introdução

Os registros iniciais sobre acervos musealizados no Ceará datam do final do século XIX, em Fortaleza, como iniciativas particulares, voltadas para o estudo da “história natural”<sup>2</sup>. O Museu do Ceará surgiu em 1932, sendo o primeiro museu público mantido pelo governo do Estado. Ao longo dos seus 85 anos<sup>3</sup>, foi gerenciado por 16 diretores, passou por 6 (seis) sedes distintas, três denominações e três grandes mantenedores, como veremos a seguir. Até os anos 1990, sofreu fortes influências do *Museu Histórico Nacional*, do Rio de Janeiro, em suas características organizacionais.

Embora conhecido como um “museu de História”, desde a sua fundação, a Instituição sempre apresentou um acervo muito diversificado, com exemplares de numismática, mobiliário, iconografia, indumentária, biologia, paleontologia, etnografia, arqueologia, entre outras, contabilizando hoje mais de 7 (sete) mil objetos<sup>4</sup>. Esse acervo bastante variado foi resultado, sobretudo, de inúmeras doações de particulares e instituições (locais e de outros Estados), com algumas compras pontuais realizadas pelo governo estadual.

O levantamento do acervo inicial do Museu do Ceará aconteceu em razão da dissertação que defendi sobre o tema (HOLANDA, 2004), que buscou, entre outros aspectos, reconstituir o primeiro inventário sistematizado da instituição, bem como analisar as concepções de *história* e *museu* expressas pelos doadores (fossem eles indivíduos ou instituições públicas e particulares), por meio dos relatos que acompanhavam as doações ao Museu, buscando as possíveis conexões dessas

---

<sup>2</sup> Coleção de Joaquim Antônio Alves Ribeiro (1873); Museu Provincial, vinculado ao Gabinete Cearense de Leitura (1875); Museu Rocha (1894). O Museu Diocesano, organizado em Sobral, a partir de 1916, teria se pautado na coleta de artefatos culturais (HOLANDA, 2004; 2005).

<sup>3</sup> São 85 anos de história institucional, **em 2017**, caso consideremos a publicação do Decreto n. 479, de 03/02/1932, regulamentado pelo Decreto n. 643 de 20/06/1932, que cria o Arquivo Público e o Museu Histórico. O livro de ponto dos funcionários mostra que ambos foram instalados no andar térreo do Palácio da Luz (à época sede do Executivo estadual, hoje Academia Cearense de Letras), no dia 7/6/1932, em caráter provisório. No entanto, se tomarmos como referência o momento de abertura ao público, em 7/1/1933, seus 85 anos se completarão em **2018**.

<sup>4</sup> Como o inventário mais recente do Museu do Ceará está em processo, não há um número exato a ser divulgado atualmente. Nos diversos sites que trazem informações sobre o Museu do Ceará, mesmo o da Secretaria da Cultura do Estado, esse número sempre é apresentado entre 7 a 12 mil peças.

concepções com o ideal de *história* e *museologia* esboçados por Eusébio de Sousa, o primeiro Diretor, em seus livros, artigos publicados na imprensa e documentos institucionais.

### **A formação do acervo atrelada ao Arquivo Público (1932-1951)**

Quando inaugurado, o então *Museu Histórico do Ceará* (MHC) ocupava duas salas do Arquivo Público do Estado, ambos dirigidos por Eusébio de Sousa, entre 1932 a 1942. Sua formação diferenciou-se de outras grandes instituições museológicas do país, como o *Museu Histórico Nacional* (MHN) e o *Museu Paulista* (MP), que incorporaram acervos preexistentes de outras instituições, alguns de grande valor material (prataria, louças finas, jóias etc), conquistaram mantenedores influentes no seu nascedouro e mantiveram-se, até os dias atuais, no mesmo prédio de origem.

Eusébio de Sousa fez uma doação modesta ao Arquivo Público e Museu Histórico, de 19 apenas itens, entre documentos e objetos. As dificuldades financeiras pelas quais as duas instituições passaram desde o seu nascedouro, numa época de uma grande estiagem – a famigerada seca de 1932, com seus campos de concentração (SOUSA, 2001) – impediram o Diretor de sustentar muitos dos seus projetos institucionais, o que limitou as suas ações de “compra”, “permuta” e “fabricação” de obras (esculturas e quadros), como fez nos anos iniciais da sua gestão. Assim, a formação do acervo do *Museu Histórico do Ceará* deveu-se principalmente às doações advindas de setores privilegiados da sociedade cearense, a partir de uma ampla campanha coordenada por Eusébio de Sousa.

Além de circulares e cartas enviadas diretamente a determinadas instituições e pessoas, realizou vários “pedidos” pessoalmente e por meio da imprensa, como fez Gustavo Barroso como gestor do Museu Histórico Nacional. Aliás, desse intelectual, além de um breve estágio de observação no Rio de Janeiro, Eusébio conseguiu a doação de um conjunto de “medalhas da Graça” da coleção de Numismática do MHN e uma “placa com o nome Antônio Felino [seu pai], retirada da antiga Av. Caio Prado, no Passeio Público de Fortaleza, onde constava o nome dos amigos desse Governador do Ceará” (HOLANDA, 2004).

Eusébio de Sousa conseguiu ainda a nomeação oficial, embora não remunerada, de Agentes Auxiliares para 40 municípios do Ceará e os estados do Rio de Janeiro e da Paraíba, por meio do Decreto n. 643, de 20/06/1932. Esses Agentes,

em geral juizes de Direito e párcos, tinham a função de facilitar a localização e a doação de itens para o Arquivo Público e Museu Histórico.

Observa-se que Eusébio procurou direcionar as doações em consonância com a sua visão sobre as finalidades de um museu histórico, que deveria estar voltada para o culto ao passado glorioso do Ceará e, por extensão, do Brasil, numa perspectiva do “culto à saudade”, proposto por Gustavo Barroso. Visão que predominou, em certa medida, no Museu do Ceará, até a década de 1990, entre os seus vários diretores (OLIVEIRA, 2009).

Em seus artigos e livros, Eusébio deixa clara essa referência, bem como nos seus atos administrativos. No decreto de criação do MHC, afirma-se que a Instituição se dividirá em duas secções, tal como o *Museu Histórico Nacional* em sua fase inicial: a primeira de “objetos históricos” em geral e a segunda de moedas, medalhas, selos e peças similares. Assim como Barroso, que se empenhou na divulgação da Numismática, formando uma admirável coleção no MHN, propondo a criação de disciplina especializada no primeiro Curso de Museologia do país em 1932 e publicando sobre o tema, Eusébio também se embrenhou em tarefas semelhantes no *Museu Histórico do Ceará*. Além disso, a forma como montou as exposições, lembra a organização barroseana do período 1922-1930, como se vê no Catálogo de 1924 do MHN, estimulando o olhar sobre os objetos isolados, atribuindo-lhes o sentido de relíquia, sem uma necessária ligação temática ou cronológica entre os artefatos do ambiente (MAGALHÃES, 2004; HOLANDA, 2004; 2005).

Contudo, apesar do empenho de Eusébio de Sousa, a arrecadação de objetos para o Museu Histórico do Ceará acabou gerando um acervo muito diversificado, que fugiu dos parâmetros estabelecidos por seu primeiro Diretor, na medida em que alguns doadores tratavam o espaço museológico como um lugar de exibir “objetos populares” (colher de pau, berrantes, armas de cangaceiros), “fragmentos do mundo natural” (foto de gêmeas siamesas, vértebra de baleia, minerais etc) e “curiosidades” variadas produzidas pelo homem (destroços de aviões, curativo de guerra, botões feitos de cabelo de cavalo etc).

Desse período de 1932-1942, não sobreviveu um *Livro de Tombo* (aliás, o único existente foi aberto em 1959), nem sequer uma listagem do acervo. Mas é muito provável, considerando a preocupação de registrar suas ações institucionais e

seu estágio de observação no Museu Histórico Nacional, que Eusébio de Sousa tenha elaborado tal documento, que se perdeu ao longo do tempo.

O levantamento inicial do acervo ocorreu, portanto, em razão da dissertação que defendi sobre o tema (HOLANDA, 2004), que buscou, entre outros aspectos, reconstituir o primeiro inventário sistematizado do Museu. Foi construído a partir da utilização do programa *Access*, que permitiu a catalogação de mais de mil objetos. Nesse sentido, a dissertação ajuda-nos também a organizar um “inventário das perdas” que o acervo sofreu.

Por meio do banco de dados construído, foi possível realizar consultas sobre os artefatos mais angariados a cada ano, as contribuições remetidas por cada cidade ou Estado brasileiro e os objetos enviados por cada indivíduo ou instituição. Nesse sentido, esse banco de dados lembra a organização de um *Livro de Tombo Museológico*, onde devem constar a descrição dos objetos (dimensões, técnicas, materiais), origem, procedência, forma de aquisição, estado de conservação, entre outras questões.

As descrições dos objetos, no campo “Observações”, respeitaram as informações e expressões encontradas na documentação consultada. Uma das primeiras fontes consultadas foi o *Diário Oficial do Estado*, onde foram encontradas as *Relações de oferta feitas ao Arquivo Público e Museu Histórico*, publicadas mensalmente, entre 1932 a 1935. Na sequência, foram consultados os jornais *O Povo*, *A Razão*, *A Rua*, *Correio do Ceará*, *Gazeta de Notícias*, *O Estado*, *O Nordeste* e *O Unitário*, que publicaram variados artigos sobre o Museu, ampliando as informações acerca dos objetos, seja porque muitos não constavam nas relações de oferta do *Diário Oficial* ou porque, quando eram citados nesse documento, não estão cercados de tantos detalhes (não eram acompanhados de fotografias, por exemplo). Outro fator a considerar é que as relações de oferta foram divulgadas somente até 1935 no *Diário Oficial*. Nos jornais foi possível encontrar referências às peças que chegaram ao Museu após o referido ano.

O *Relatório do Interventor Federal Capitão Roberto Carneiro de Mendonça (1931-1934)*, os três *Boletins do Museu Histórico do Ceará* editados nos anos 1930, os *Anais do Arquivo Público do Estado do Ceará (1933)*, o *Relatório de Eusébio de Sousa (1932)*, alguns exemplares da *Revista Numária* e obras raras localizadas na Academia Cearense de Letras e na Biblioteca Menezes Pimentel também foram utilizados na composição do banco de dados.

Ao tratar de “objetos”, na construção desse instrumento, acabei excluindo, em muitos casos, os documentos impressos ou manuscritos (como livros, jornais, atas etc) que não apontavam indícios claros de que estavam sendo remetidos ao Museu. Afinal, como sugere o próprio título dessas *Relações de oferta*, o destino de cada “doação” não era especificado. Nesse sentido, concluiu-se que os impressos/manuscritos eram enviados prioritariamente para o Arquivo Público, pois de acordo com o seu regulamento, era ele que mantinha seções específicas para armazenar esse tipo de material.

Toda essa documentação permitiu a montagem de um quadro síntese de entrada dos objetos por ano. Os números são aproximados, porque nem sempre os documentos informavam a quantidade exata de um conjunto de peças. Como exemplo, cita-se a doação, em 1934, de **várias** fotografias dos *raidmen* que fizeram o percurso Fortaleza - João Pessoa. Em casos semelhantes de imprecisão numérica, contabilizou-se apenas um objeto.

Explicar a metodologia usada para a montagem desse primeiro levantamento sobre esse acervo, apesar de exaustivo, é importante. Na minha dissertação, a ênfase não está na organização desse levantamento (embora importantíssimo para a memória da Instituição) e sim na interpretação dos possíveis significados atribuídos ao conjunto de objetos que foram coletados. Depois, é preciso enfatizar que, apesar dos seus esforços, esse trabalho não dá conta da totalidade do acervo que se formou no período analisado. Prova disso é que após a defesa do trabalho e sua publicação em livro (2005), a autora e o Prof. Régis Lopes encontraram na reserva técnica da Casa José de Alencar/UFC, sob os cuidados da museóloga Márcia Pereira, algumas plaquetas de identificação de objetos do Museu do Ceará dessa época, assinadas no verso por Eusébio de Sousa. Essas plaquetas teriam sido guardadas por Valdelice Girão, funcionária do Museu Histórico do Ceará a partir da década de 1950, que depois veio a ser uma das organizadoras do acervo da Casa José de Alencar. Nelas há a informação sobre objetos dos soldados da FEB que foram para a II Guerra, que não constam no banco de dados organizado, nem no acervo atual da Instituição.

Ainda no período de elaboração da dissertação, entre 2002-2003, pude coordenar o “Projeto Museu 70 anos” (2002- 2003), que consistiu na coleta, transcrição e revisão da transcrição de artigos de jornal publicados no período de 1932-1970, na imprensa cearense, sobre o Museu do Ceará. Todo esse material, em

parte utilizado na dissertação e na publicação do livro *Museu do Ceará - 75 anos* (SILVA FILHO; RAMOS, 2007), bem como no banco de dados elaborado, foram depositados em meio impresso e digital na Instituição que, até então, possuía apenas um acervo jornalístico sobre si, que ia de 1970 (gestão Osmírio Barreto) até à gestão Régis Lopes (2000-2008). Mesmo assim, o material mais “recente” não estava organizado cronologicamente e em pastas específicas que facilitassem o seu manuseio para pesquisa, ação que só foi concretizada com o apoio dos estagiários da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, entre os anos de 2008 a 2013. Entreguei novamente o banco de dados ampliado, com informações até a década de 1970, utilizando as matérias jornalísticas coletadas.

### **O acervo sob a organização do Instituto Histórico do Ceará (1951-1967)**

Ao fim da gestão Eusébio, o Arquivo Público e o Museu do Ceará foram administrados por quatro diretores diferentes, no período de 1942-1951. Foi uma fase de “abandono” pelo poder público, de acordo com os jornais da época. Em 1951, um acordo entre o governo estadual e o *Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará* permitiu que essa agremiação fosse transferida para o prédio onde estava o Arquivo Público (enviado na sequência para outro endereço) e passasse a gerenciar o Museu Histórico do Ceará. Valdelice Girão foi uma das funcionárias contratadas nessa nova fase, entre os anos de 1951 a 1967.

Logo que assumiu suas funções, Valdelice realizou um estágio de dois meses no Museu Histórico Nacional, sob as ordens de Gustavo Barroso. Organizou, a partir dessa experiência, o primeiro modelo de *fichas de inventário* e o *Livro de Tombo* do Museu (1959). Ela afirma que encontrou o acervo coligido por Eusébio de Sousa muito deteriorado. Foi “salvo” o que “restava”, especialmente as peças referentes ao Ceará. Os objetos que se referiam a outros Estados foram descartados. Novas peças sobre a história cearense e do Nordeste foram adquiridas, provenientes de particulares e de outros museus/coleções (HOLANDA, 2006b)

Entre os particulares, nessa época, a família de Gustavo Barroso doou, após sua morte, o seu fardão e o sabre que compunham a sua indumentária na Academia Brasileira de Letras. Do *Museu do Instituto do Ceará*, fundado em 1940, por Thomaz Pompeu Sobrinho, de acordo com o jornal *O Estado* (Agosto, 1941), vieram muitos objetos indígenas coletados por esse intelectual. Outros artefatos dessa natureza foram comprados pelo Estado do Ceará, em 1953, provenientes do Museu Rocha,

propriedade de Francisco Dias da Rocha, que funcionou de 1894 a 1959, em Fortaleza, na residência do naturalista.

Essas aquisições acabaram dando uma feição diferenciada à Instituição, que reabre em 1955 com um novo nome acrescentado à antiga denominação: Museu Histórico e **Antropológico** do Ceará. Raimundo Girão tornou-se o seu novo diretor, imprimindo sua marca à Instituição pelos 20 anos subsequentes, mesmo quando alternou a direção com outros consórcios do Instituto do Ceará, como Manoel Albano Amora (1960-1962), Renato Braga (1964-1966) e Celsio Brasil (1967-1971).

Entre 1958 a 1959, uma coleção de objetos da “Escola Normal Justiniano de Serpa” é remetida ao Museu Histórico e Antropológico, em razão da reestruturação do educandário, que culmina com sua transferência da Praça Figueira de Melo (na Av. Santos Dumond) para o bairro de Fátima e a mudança de sua designação para “Instituto de Educação do Ceará”. Esses objetos formam uma coleção tombada em 1941, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), composta por cerâmica indígena, arcos e flechas, enfeites e machados de pedra, entre outras coisas, conforme informações do site da autarquia. Não se pode dizer que todos os objetos dessa coleção eram provenientes, necessariamente, do Museu Rocha<sup>5</sup>. A coleção tampouco existe, hoje, sob sua forma “primária”, ou seja, seus itens estão dispersos dentro de outras coleções que o Museu do Ceará foi formando ao longo de sua trajetória.

Nos anos 1957 a 1958, foi criado o Instituto de Antropologia da Universidade [Federal] do Ceará (IAUC), tendo como diretor Thomaz Pompeu Sobrinho. A nova entidade foi inaugurada no mesmo prédio onde já estavam o Instituto Histórico do Ceará e o Museu Histórico e Antropológico, na atual Av. da Universidade, onde hoje funciona FEAACS/UFC (Faculdade de Economia, Administração, Atuariais, e Contabilidade). O Instituto de Antropologia formou um acervo museológico próprio, também inventariado por Valdelice Girão, que incluiu as Coleções Arthur Ramos e Luiza Ramos, entre outras. Com o fim do IAUC, em 1968-69, seu acervo foi salvaguardado pelo Departamento de Ciências Sociais da UFC até 1981, ano de sua

---

<sup>5</sup> Embora Dias da Rocha tenha feito, em vida, a venda e a doação de partes do seu acervo, antes de fechar o Museu Rocha, para várias instituições, entre elas a Escola Normal. O educandário possuía vários Gabinetes para as aulas práticas de muitas disciplinas, entre eles a Sala Capistrano de Abreu (Museu de Geografia e História) e a Sala Prof. Dias da Rocha (Gabinete de Ciências Naturais e Higiene). Esses Gabinetes se mantiveram em funcionamento mesmo após a mudança de sede da Escola para o Instituto de Educação do Ceará. Tinham aparelhos, coleções, quadros e mapas, devidamente classificados em livros próprios. Com o aumento das turmas ginasiais na década de 1960, foram sacrificados para a criação de novas salas de aula (OLIVEIRA, 2008).

transferência para a Casa de José de Alencar – CJA (VIEIRA, 2014). Consultando as fichas de inventário e o Livro de Tombo do Museu do Instituto de Antropologia que se encontram na CJA, sabe-se que houve uma permuta de objetos entre esse acervo e àquele que pertencia ao Museu Histórico e Antropológico do Ceará<sup>6</sup>.

### **A Secult como mantenedora do acervo (1970-2017)**

Em 1967, com a criação da Secult (Secretaria da Cultura do Estado), tendo Raimundo Girão como o seu primeiro secretário, o *Museu Histórico e Antropológico* saiu da subordinação do Instituto do Ceará e passou para essa pasta. De 1971 a 1990, foi designado o Sr. Osmírio Barreto como o novo Diretor da “Casa”, instalada na Avenida Barão de Studart, onde atualmente está o Museu da Imagem e do Som – MIS. Este, aliás, mantém até hoje, como parte da sua estrutura física, alguns canhões e esculturas de leões que eram do acervo do Museu Histórico e Antropológico, mas não foram deslocados porque foram chumbados na edificação.

Na gestão de Osmírio Barreto não há indícios encontrados, até o momento, de que houve uma ampliação considerável do acervo, seja por compra ou doações (OLIVEIRA, 2009). Mas um novo modelo de ficha de inventário foi produzido nessa época, gerando ainda uma nova numeração das peças. Quanto ao acervo, um destaque pode ser dado à exposição dos destroços do avião que caiu em 1967, matando entre seus passageiros o ex-presidente Marechal Castello Branco. Provavelmente na época de transferência da Instituição para o novo e atual endereço, na Praça dos Leões, esses destroços tenham sido transferidos para o “23º Batalhão de Caçadores” do Exército Brasileiro, que o restaurou e o colocou em exposição nas suas dependências externas<sup>7</sup>.

Em 1990, a Secult decidiu restaurar o Palacete Senador Alencar, deslocando para lá o acervo do Museu. Dessa data até 1993, a Instituição teve um Diretor Interino: Frederico de Sousa Barros. Reabriu em 1993, com Valéria Laena Rolim na sua direção, até 1998. A mudança de sua designação para “Museu do Ceará”, perdendo os adjetivos “Histórico” e “Antropológico”, reflete a diversidade tipológica

---

<sup>6</sup> Muitos objetos arqueológicos do Museu foram “trocados” por peças da **Coleção Benevides**, formada pelo colecionador particular Aldenor Jayme Alencar Benevides, composta por uniformes militares, armas, bustos, porcelanas, cadeados, dobradiças, chaves, santos, ex-votos etc. Oriundos de Juazeiro do Norte, todos os itens tem alguma relação com a cidade, o cangaço e a figura do Padre Cícero, conforme observações da museóloga Márcia Pereira (ALENCAR, 2015).

<sup>7</sup> Curiosamente, o outro avião que colidiu com o bimotor acidentado também virou monumento depois de sua aposentadoria, em 1973. Não tendo sofrido nenhum dano na fatídica colisão, está exposto na entrada da Base Aérea de Fortaleza.

do seu acervo, dos novos temas em pauta nas atividades que passou a organizar para o público, bem como a formação interdisciplinar do seu quadro técnico, especialmente de consultores contratados (museólogos, arquitetos, antropólogos, restauradores, pedagogos, paleontólogos, arqueólogos), apesar do predomínio, até hoje, dos historiadores.

Na década de 1990 foram realizados trabalhos de restauração de algumas peças. Um novo processo de catalogação de todo o acervo foi finalizado em 1996, pela historiadora Gisete Aguiar Coelho Pereira, do Museu do Estado de Pernambuco. A instituição ganhou sua primeira reserva técnica (1996) e um Núcleo Educativo (1998). Várias exposições de curta duração foram organizadas e uma nova exposição de longa duração - “Terra da Luz e Ceará-Moleque. Que história é essa?” – foi inaugurada em 1998, assinada pela arquiteta Gisela Magalhães<sup>8</sup>. Algumas peças foram adquiridas, com destaque para: alguns instrumentos líticos lascados (material arqueológico) doados em 1999 pelo alemão Georg Hussong; fósseis retirados a partir de trabalho de campo no Cariri cearense (Crato, Nova Olinda e Santana do Cariri) e no município de Itapipoca, ambos sob a coordenação de Celso Lira Ximenes, em virtude do número exíguo desse tipo de acervo no Museu.

Contudo, peças de grande porte, que pertenciam à Instituição desde a gestão de Eusébio de Sousa, foram extraviadas nos anos 1990, e não se sabe sobre o seu paradeiro: uma “cadeira padiola”, uma “cadeira liteira” e a “moldura original do quadro Fortaleza Liberta, folheada a ouro, com um brasão do Império” são alguns exemplos.

Em 1999, Berenice Abreu assumiu a direção do Museu do Ceará. No ano seguinte, passou a função para Francisco Régis Lopes Ramos, que permaneceu no cargo até janeiro de 2008. Durante essa gestão foram inauguradas várias exposições temporárias e duas de longa duração: o *Memorial Frei Tito* (2001) e *Ceará: uma história no plural* (2008). A reserva técnica ganhou um novo mobiliário. Um projeto financiou a compra de equipamentos do monitoramento eletrônico de umidade/ qualidade do ar e combate à proliferação de agentes biológicos.

Um novo processo de inventário do acervo foi realizado. Houve a produção de um terceiro modelo de ficha, sem descartar os dois anteriores, como mandam as

---

<sup>8</sup> Arquiteta que integrou a equipe dos criadores de Brasília. Fez a curadoria de importantes exposições em vários museus do Brasil. Foi professora da Universidade de Brasília (UnB).

normas da documentação museológica. Os objetos de algumas coleções foram mais uma vez numerados. Em muitos casos, a numeração antiga ficou muito visível na peça, seja por seu tamanho ou localização às vezes inapropriada. A nova numeração passou a ser mais discreta, mas não apagou os registros anteriores. Por isso, há peças com até três números distintos.

Foram catalogadas nessa gestão: 1) a coleção de cordéis, de quase dois mil itens, doada em 2001, pelo Prof. Renato Casemiro; 2) a coleção arqueológica na íntegra, sob a supervisão da Prof. Marcélia Marques, ou seja, itens de cerâmica, instrumentos líticos polidos, instrumentos líticos lascados e materiais malacológicos (esses dois últimos subitens da coleção foram ampliados, nessa fase, com uma nova doação do alemão Georg Hussong); 3) a coleção de Paleontologia, que passou por pequenas intervenções de restauro realizadas pelo paleontólogo João Kerensky Moreira; 4) as pinturas e mobiliário, realizadas pelo restaurador Emanuel Marques.

Foram várias doações pontuais no período, mas destacamos aqui as de maior volume. Além das já citadas no parágrafo anterior, o Museu ganhou a *Coleção Ismael Pordeus*, quando a família do historiador doou, em 2002, o seu arquivo particular, composto por manuscritos, fotos e artigos publicados em periódicos como o jornal *O Nordeste*.

No ano de 2005, sob a coordenação de Celso Lira Ximenes e a minha participação como Professora de História do Núcleo Educativo do Museu, aconteceu a transferência de todo o acervo sobrevivente do Gabinete de Ciências do Instituto de Educação para o Museu do Ceará. A diretora desse estabelecimento queria dar outro destino ao espaço. O acervo estava encerrado numa sala fechada, muito empoeirada, com indícios claros de que não vinha sendo manuseado há muito tempo, conforme registro fotográfico de Alênio Alencar. Foram encontrados materiais zoológicos, botânicos, geológicos, arqueológicos e paleontológicos, dois móveis antigos (mostruários das peças) e um “bloco de pedra retirado das ruínas do Colégio Jesuíta, em Aquiraz, no ano 1923, por solicitação do Governador do Ceará, Justiniano de Serpa”. Muitos itens eram realmente do Museu Rocha, comprovados por meio das etiquetas, recipientes e identificações manuscritas usadas pelo naturalista, fotografias de época e informações do *Boletim do Museu Rocha*. Outra descrição muito constante, principalmente nos artrópodes, são os números e nomes de outras coleções, que provavelmente Dias da Rocha colocava para identificar exemplares recebidos de outras instituições, indicando doações e/ou permutas,

como as etiquetas com os dizeres “Aldrich, USNM, F. C. Camargo - Campinas, Lutz”, entre outras. Esse acervo proveniente do Museu Rocha é, sem dúvida, a coleção científica mais antiga do Ceará, com mais de um século de existência (TELLES; NOJOSA, 2009).

A catalogação inicial desse acervo foi realizada pelo Núcleo Regional de Ofiologia da Universidade Federal do Ceará (Nurof-UFC), sob a coordenação da Profa. Diva Nojosa. Foram identificados vertebrados e insetos, somando 1.007 fichas de inventário. Para que o valor histórico fosse mantido, em todos os lotes foram preservadas as identificações, os recipientes e as etiquetas utilizadas originalmente.

Em fevereiro de 2008, assumi a direção do Museu do Ceará<sup>9</sup>. Tive a oportunidade de promover exposições de curta duração e sucessivas modificações, com o apoio do Núcleo Educativo, na exposição de longa duração *Ceará: uma história no plural* (2008), após a sua inauguração, datada de janeiro de 2008, especialmente nas salas *Povos indígenas: entre o passado e o futuro*; *Artes da escrita*; *O poder das armas e as armas do poder*; *Padre Cícero: mito e rito*; e *Caldeirão: fé e trabalho* (HOLANDA; SABINO, 2012).

A coleção Dias da Rocha continuou sendo catalogada pelo Nurof/UFC. No caso do grupo Mollusca, o trabalho foi desenvolvido pelo Laboratório de Invertebrados Marinhos do Ceará (Limce), da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob a coordenação de Helena Matthews-Cascon, Soraya Rabay e Cristiane Barroso. Os 228 lotes foram recuperados e suas atualizações taxonômicas feitas por meio de bibliografia especializada (HOLANDA; SABINO, 2012).

Um novo armário deslizante foi adquirido para guardar o acervo bibliográfico do Museu, proveniente da Biblioteca Prof. Carlos Studart Filho, criada na gestão de Valéria Laena e registrada na Biblioteca Nacional. A mesma foi desativada para consulta externa nos anos 2000, em virtude da falta de uma bibliotecária e de espaço para os consulentes. A equipe organizou uma triagem dos seus títulos, permanecendo apenas aqueles relacionados à História e Literatura do Ceará, Museologia e Patrimônio.

Com a aquisição de materiais e estagiários vindos da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, outras coleções foram inventariadas e ganharam novos suportes para a sua guarda: **1)** a coleção de numismática (moedas, cédulas,

---

<sup>9</sup> Duas dissertações a seguir tratam do período da minha gestão (SOUSA, 2011; SAMPAIO, 2011).

borós e medalhas); **2)** a coleção Ismael Pordeus; **3)** matérias jornalísticas sobre o Museu; **4)** cartazes, folders e convites de atividades diversas produzidas pela Instituição; **5)** A catalogação de cds e dvds com documentos e fotos do Museu do Ceará. Foram ainda desenvolvidos de trabalhos de conservação em peças como a maquete da vila de Fortaleza e a calunga do maracatu.

A principal preocupação da gestão foi com a memória institucional do Museu, a partir da organização dessas três últimas coleções e, principalmente, com a publicação do catálogo “Museu do Ceará”, em 2012, dentro da série Museus Brasileiros, patrocinada pelo Banco Safra. Afinal, trata-se de uma publicação de longa trajetória, que se tornou referência para o setor museológico nacional, em virtude da sua qualidade técnica de excelência, sua ampla circulação nas instituições culturais do País e seu grande volume de páginas. Muitas peças que costumam ficar em reserva técnica puderam ser apreciadas por um público mais amplo, especialmente os documentos antigos, impressos e manuscritos, que pela primeira vez foram transcritos para constar em publicação.

Houve a oportunidade de expor, pela primeira vez em quase 80 anos de história institucional, parte do acervo fora do Museu do Ceará. Referente ao Padre Cícero e à comunidade Caldeirão, foram organizadas exposições de curta duração no Museu Afrobrasil (São Paulo) e no Centro de Tradições Nordestinas (Rio de Janeiro), sob curadoria de Emanuel Araújo, intituladas, respectivamente, *O sertão das caatingas, dos beatos, dos santos e dos cabras da peste* (outubro 2011 a maio 2012) e *Meu padinho, padre Cícero* (junho a setembro de 2012). No Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura compuseram ainda a mostra “O sagrado coração do Ceará”, sob a curadoria de Dodora Guimarães e Gilmar de Carvalho, entre 19/12/2012 a 19/3/2013.

Alguns objetos relacionados à história da literatura cearense compuseram uma exposição na X Bienal Internacional do Livro do Ceará, em 2012, cujo tema era *Padaria Espiritual: pão do espírito para o mundo*, no Centro de Eventos. A imagem de uma fotografia da Sedição do Juazeiro (1914) foi copiada em alta resolução e integrou a publicação e a exposição homônima “Um olhar sobre o Brasil — a fotografia na construção da imagem da nação: 1833-2003”, sob curadoria de Boris Kossoy e Lilia

Moritz Schwarcz, financiados pela Fundación Mapfre, com a colaboração do Instituto Tomie Ohtake<sup>10</sup>.

O Museu do Ceará recebeu ainda doações de objetos pessoais de Francisco Dias da Rocha e de Rachel de Queiroz, uma roupa de princesa usada nos desfiles do Maracatu Rei de Paus, artefatos contemporâneos dos Tapeba e dos Tremembé, registros fotográficos dos primeiros anos da atividade televisiva no Ceará (que pertenciam ao Prof. Gilmar de Carvalho), além do acervo doado pelo Prof. Dr. Henyo Trindade Barreto Filho (Antropologia/UNB), composto por documentos que ele coligiu entre 1997 a 2003 sobre os Tremembé (jornais, impressos, fitas cassetes, fotos, apontamentos de pesquisa etc). Essas e outras doações foram posteriores a publicação do Banco Safra e, por isso, não foram registradas nesse catálogo.

Em outubro de 2013, a Direção do equipamento foi assumida por outra historiadora: Carla Vieira. As exposições temporárias, as atividades educativas e os trabalhos de organização do acervo continuaram.

### **O Museu do Ceará hoje: possibilidades e desafios**

Estudar a historicidade do acervo do Museu do Ceará, ao longo da sua trajetória de mais de 85 anos é, portanto, entrar em contato com um movimento coletivo de contornos indefinidos, pautado em acordos, tensões e divergências.

De todos os diretores, Eusébio de Sousa foi aquele que, sem dúvida, mais investiu numa política de arrecadação de objetos para o Museu, utilizando diferentes estratégias para a mobilização de instituições e da população (cearense e de outros Estados). Isso não quer dizer, entretanto, que o acervo não tenha se renovado noutros momentos, ganhando novos itens, mas que passou vivenciar uma situação diferenciada: ao invés de “solicitar”, passou a ser procurada para “receber” objetos e coleções distintos, a ponto de ter que pensar seriamente numa “política de aquisições” que não se limite às decisões do Diretor(a) ou da sua equipe técnica.

Há peças que se mantêm desde a fase eusebiana até hoje, inclusive em exposição, como o “Bode loiô”, o “quadro Fortaleza Liberta”, a “bandeira da Padaria Espiritual”, os “jacarés da casa do Barão de Studart”, os “objetos que se referem à Sedição de Pinto Madeira”, para citar apenas esses.

---

<sup>10</sup> O projeto inédito, de pensar 170 anos de história do país (1833-2003), com mais de 400 imagens vindas de diferentes acervos públicos e coleções privadas, circulou algumas cidade do Brasil de 2013 a 2014.

Outras foram se perdendo no decorrer das sucessivas intervenções e mudanças de endereço da Instituição, sem deixar pistas sobre seu paradeiro. Algumas, em datas e por razões ainda ignoradas, passaram a compor o acervo de outras instituições, como a “Nossa Senhora da Assunção da capela do forte” e as “condecorações do General Sampaio” (Museu da 10ª Região Militar), o “porta chapéu que pertenceu ao Barão de São Leonardo” (Memorial do Tribunal de Justiça do Ceará), o “canhão da Sedição de Juazeiro” (Memorial Padre Cícero), o “sino da primeira capela de Cascavel” (Museu Sacro São José de Ribamar), entre outras.

Existem ainda as que foram roubadas e o fato foi noticiado pelos jornais cearenses, como algumas “moedas banhadas a ouro e cédulas” (1937), o “rabo do bode loiô” e os “óculos do Frei Tito” (nos anos 2000).

A Coleção de Paleontologia e a Coleção Dias da Rocha, egressas no Museu nas décadas de 1990 e 2000, respectivamente, no Museu, também precisam ser pensadas, visto se tratarem de coleções de “história natural” incluídas num museu que tradicionalmente voltou-se para a “história social”. Não que isso seja um problema. Ao contrário, esse pode e deve ser um novo rumo a ser tomado: o da interdisciplinaridade, tão propalada nos meios acadêmicos, mas tão pouco exercida na prática.

O seu pequeno quadro funcional também é preocupante, sobretudo se considerarmos que seu núcleo gestor é responsável ainda, desde os anos 2000, pela administração do Museu Sacro São José de Ribamar e do Sistema Estadual de Museus. Urge garantir a separação e a autonomia desses três entes, no organograma da Secretaria da Cultura, bem como a contratação de mais funcionários efetivos e qualificados. Essas questões, se não forem resolvidas, vão continuar a penalizar o seu rico acervo. Aliás, se houvesse espaço e condições materiais mais adequadas (como equipamentos mais modernos), o mesmo poderia ser ampliado para abarcar mais objetos do cotidiano e do tempo presente, de diferentes segmentos da sociedade. Seu inventário precisa ser concluído, informatizado e disponibilizado ao público na internet, além do acervo ser tombado oficialmente pelos órgãos preservacionistas, já que é um patrimônio indiscutível da sociedade cearense, de 85 anos, com muitas virtudes, apesar dos percalços que vivenciou.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. P. *Coleção Luiza Ramos: um nordeste imaginado em rendas*. Dissertação. Rio de Janeiro: UNIRIO/MAST, 2015.

BARBOSA, A. M. *Arte e educação contemporâneas: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 1998.

COSTA, Y. J. G. *Museu, memória e patrimônio: uma trajetória de transformação no Museu do Ceará (1990-1998)*. Dissertação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Programa de Pós-graduação em Memória Social, 2012.

CURY, M. X. Educação em museus. Panorama, dilemas e algumas ponderações. In: *Ensino em Re-Vista*. Dossiê Educação em Museus. Uberlândia, vol. 20, nº 1, 2013, p. 13-28

HOLANDA, C.R. *A construção do Templo da História. Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932-1942)*. Dissertação. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-graduação em História Social, 2004.

\_\_\_\_\_. *Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2005, Coleção Outras Histórias, 28.

\_\_\_\_\_; VIEIRA NETO, J. P. *Boletim do Sistema Estadual de Museus do Ceará*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado, ano 1 , nº- 1, 2006a

\_\_\_\_\_; *Museu do Ceará e outras memórias*. Entrevista com Valdelice Girão. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2006b, Coleção Outras Histórias, 42.

\_\_\_\_\_; Apresentação. In: *Museu Sacro São José de Ribamar*. Catálogo. Fortaleza: ASMUSCE; SECULT, 2012a

\_\_\_\_\_; SABINO, Roberto (Coord. Edit.). *Museu do Ceará*. Série Museus Brasileiros. São Paulo: Banco Safra, 2012b

MAGALHÃES, A. M. *Colecionando relíquias*. Um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937). 2004. Dissertação. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História; Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

MORENO, M. R. B. *Museu do Ceará*. Relatos da administração de um bem cultural. 1988. Monografia (Especialização em Gestão Pública) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.

NICOLAU, Veronica; BARROS, Frederico. *O bode ioiô e o Museu do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2015.

OLIVEIRA, J. H.T. de. *Escola Normal do Ceará: O ensino ativo e a arquitetura do Palacete da Praça Figueira de Melo (1922-1934)*. Dissertação. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Educação da UECE (2008)

OLIVEIRA, A. A. R. *Juntar, separar, mostrar*. Memória e escrita da história no Museu do Ceará (1932-1976). Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2009, Coleção Outras Histórias, 53.

PASSOS, M. U. S. *Lendo objetos: a reconstrução do conhecimento histórico no Museu do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2011, Coleção Outras Histórias, 63.

RAMOS, F. R. L. *A danação do objeto*. O museu no ensino de História. Chapecó (SC): Argos, 2004.

RIOS, K. S. *Carta aos professores*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001a. (Mimeografado.)

RIOS, K. S. **Campos de concentração no Ceará**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2001b, Coleção Outras Histórias, 1.

RUOSO, C. *Museu do Ceará e a linguagem poética das coisas (1971-1990)*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2009, Coleção Outras Histórias, 54.

SAMPAIO, D, A. *Vozes do silêncio: memória, representações e identidades no Museu do Ceará*. Dissertação. João Pessoa: UFPB; Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2011

SANTOS, N. A. C. *Crianças pré-escolares no museu histórico: uma experiência de mediação educativa*. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira; Universidade Federal do Ceará, 2010.

SEM-CE. *Boletim do Sistema Estadual de Museus do Ceará*. Fortaleza: Sistema estadual de Museus do Ceará (SEM-CE); Secretaria da Cultura do Estado, nº- 2, 2007-2010.

SILVA FILHO, A. L.; RAMOS, F. R. L. *Museu do Ceará, 75 anos*. Fortaleza: Associação dos Amigos do Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado, 2007, Coleção Memórias do Museu do Ceará.

SOUSA, N. M. *Memórias da cidade: representações de Fortaleza no Museu do Ceará*. Dissertação. Fortaleza: UFC; Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2011;

TELLES, F. B. S.; NOJOSA, D. M. B. *A coleção Dias da Rocha no Museu do Ceará*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado, 2009, Coleção Outras Histórias, 60.

VIEIRA, M. J. *Itinerários no acervo do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará (1958-1968): a Coleção Arthur Ramos como discurso*. Dissertação. Rio de Janeiro, UNIRIO/MAST, 2014.